

Fornecedores reajustam preços ao comércio em até 30% neste mês

por Rosângela Capozoli
de São Paulo

As novas tabelas estão chegando ao comércio com majorações de preços de até 30% sobre o mês anterior, contrariando os acordos firmados nas reuniões das câmaras setoriais. "As negociações estão mais difíceis que no mês passado", alega Armando Jorge Peralta, presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas) e proprietário da rede de supermercados Peralta. Ele afirma que os fornecedores estão incorporando aumentos superiores a 20% nas tabelas, para a maioria dos produtos alimentícios e de higiene e limpeza.

"Os aumentos significativos estão inviabilizando a compra por parte do comércio", reclama o empresário, alegando que as tabelas estão com os preços superiores aos praticados no varejo. Peralta ressalta que, com a decretação da Portaria 193 (que autoriza a indústria a reajustar preços), os supermercadistas já zeraram sua margem de lucro nos 43 produtos autorizados pela portaria. "Não estamos pedindo descongelamento, apenas que o governo restabeleça a nossa margem", observa. Segundo ele, o setor está com problemas de abastecimento nos derivados de carne e laticínios e continua a falta generalizada de feijão, devido aos preços.

Pedro Moti, dono da rede de lojas Glória, com 108 pontos de venda em todo o País, afirma que os fornecedores estão emitindo tabelas com reajustes de 20%. A Glória, que vende de papelaria a eletroportáteis, pretende substituir seus fornecedores, caso não consiga negociar com a indústria preços mais flexíveis. "Já reduzimos nossa margem de lucro em até 15% do Plano Collor para cá", diz.

No setor de aparelhos eletrodomésticos e portáteis, a situação não é diferente. Euzébio Serrano, gerente comercial das 20 lojas G. Aronson, informa que a indústria de linha branca (máquina de lavar, freezer, geladeira, fogões) aumentou os preços em até 30%. "A indústria mudou pequenos detalhes nos produtos e reajustou significativamente os preços", afirma. A preocupação de Serrano, no momento, é repor o estoque de eletroportáteis, que está defasado devido às vendas do Dia das Mães (ver página 30). "Essa negociação será ainda mais difícil porque o comércio está sem produtos", diz.

Samuel Klein, dono das 110 lojas Casas Bahia espalhadas pelo País, confirma que os preços estão aumentando. "As novas tabelas embutem reajustes de até 15%", calcula Klein. Ele afirma que esses aumentos serão repassados ao consumidor. Mesmo assim, o empresário diz que vai tentar reduzir o índice pleiteado pelos fornecedores em 9%.



Armando Jorge Peralta

"Só as grandes empresas conseguem negociar em patamares mais vantajosos", diz Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FCESP). Segundo ele, "as altas taxas de juros praticadas pela indústria é que estão encarecendo a mercadoria. Na venda a prazo a indústria está embutindo juros que variam de 18 a 19%", afirma. Marcel Solimeo, diretor do Instituto Gastão Vidigal da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), diz que os aumentos de preços no setor de eletrodomésticos e eletrônicos domésticos estão mais acentuados que nos demais. "O varejo já não consegue substituir fornecedor, porque todos elevaram muito seus preços", conta.

"A indústria já está bem vacinada contra congelamento e se vira bem", conclui Raul de Souza Sulzbacher, presidente do Conselho dos Lojistas dos Shoppings da FCESP e dono das nove lojas Jeans Store. Embora não cite índices exatos de reajustes de preço, Sulzbacher diz que a cada compra o fornecedor altera modelos dos calçados e vestuário e eleva os preços.

DF

142